



Berlim, 17 de dezembro de 2020

## Internacionalização e a tríplice hélice

E já colocando o pé na porta com a pergunta que não quer calar: a tríplice hélice funciona no ambiente da internacionalização de empresas?

Para tanto precisamos entender o que é uma tríplice hélice (TH): a TH é o esforço conjunto dos ambientes acadêmico, governamental e empresarial para o alcance ou potencialização de resultados, quer sejam eles em matéria de inovação, conhecimento, implementação de melhores práticas, etc.

Figurativamente é todo mundo puxando a corda para o mesmo lado a fim de desatolar a vaca do brejo e transformá-la em uma super-vaca.

A TH tem se mostrado bastante efetiva em diversos momentos lúcidos e trouxe resultados consideráveis em uma série de projetos a nível nacional e internacional. Entre outros pode ser mencionado o projeto Gripen com a participação da SAAB, Embraer, FAB, AEL e diversos atores do ambiente acadêmico.

O exemplo acima demonstra claramente que, onde há vontade, há caminho e há solução.

No contexto da internacionalização de empresas podemos partir de dois cenários. Ai também depende um pouco do ponto de vista, no sentido avaliar a situação concreta de cada cenário.

**Fuimus bonae voluntatis.** Este é o cenário positivo. Nele a academia auxilia com uma definição clara dos conceitos. O ambiente governamental fomenta e contribui para o sucesso da internacionalização estrutural das empresas. As próprias empresas assumem a sua responsabilidade para a constituição de estruturas transnacionais no ambiente internacional e a comercialização ativa dos produtos brasileiros nas cadeias globais de valor.

Ao ler o parágrafo acima imagine aquela música de Moacyr Franco tocando ao fundo: "para ser feliz é preciso ter, esse céu azul na imensidão..." E diversas borboletas voando no ambiente em que você se encontra atualmente.

**Fuimus sine voluntatem.** Este é o cenário negativo. Nele a academia não se entende sobre um conceito claro. O ambiente governamental já ajuda, quando não atrapalha. E as empresas se escondem no mercado nacional dizendo: "não vou botar pé lá fora nem f....., eu vou é me esconder no mercado nacional e esperar que o protecionismo brasileiro me acuda eternamente."

Ao fundo você escuta a música do Darth Vader no filme Guerra nas Estrelas e no canto esquerdo do seu ambiente acende aquela luz vermelho-escura que remete ao inferno.

A verdade se encontra em algum lugar entre esses polos. Desejaríamos que fosse mais no sentido do primeiro modelo, mas aí nos vem em mente o citado do ilustre Sr. Embaixador Marcos Azambuja: "quando você acha que o Brasil vai bem, ele te decepciona, quando você acha que ele vai mal, ele te surpreende."

O que se percebe atualmente dos agentes da TH em matéria de internacionalização de empresas brasileiras não indica um cenário animador.

A academia no Brasil não está parada. Quem procura, encontra diversos trabalhos atuais sobre a internacionalização de empresas no ambiente acadêmico. Só pena que estes trabalhos não aparentam ter nenhuma recepção ativa nos demais ambientes.

Enquanto a academia pensa, os outros não estão nem aí: deixa os *nerds* para lá! De outra forma não se explicam os conceitos destoantes nas esferas empresariais e governamentais. Seja apenas mencionada a equiparação absoluta e equivocada entre internacionalização e exportação e a utilização errática do termo internacionalização para atividades de marketing.

O ambiente governamental, por sua vez, quer, mas também não quer. É o famoso "me lave, mas não me molhe!" Virou moda falar de internacionalização de empresas, mas no apagar das luzes não se percebe políticas consequentes de internacionalização, especialmente no que tange a promoção de estruturas corporativas transnacionais brasileiras.

O empenho governamental ainda se encontra focado na atração de investimentos. É a crença que acredita na salvação da pátria através dos inúmeros investidores estrangeiros que estão fazendo fila lá fora, só para jogar todo o seu dinheiro na goela do leão brasileiro. São eles que irão investir no Brasil, gerar empregos, pagar tributos e comprar absolutamente tudo o que nós produzimos. E você também ainda acredita no Reino das Águas Claras, no Doutor Caramujo, na Emília, no Visconde de Sabugosa, no Marquês de Rabcó, na Cuca e no famoso Saci-Pererê, pedindo fumo para o seu pito... E viva O Sítio do Picapau Amarelo!

Onde é que se encontra a responsabilidade nacional de promover ativamente a inserção das empresas brasileiras nas cadeias globais de valor pelo mundo afora? Alguém viu ela por aí?

Em matéria de internacionalização são poucas as percepções de uma promoção para a constituição de estruturas corporativas transnacionais. Será que isto provém de um certo medo que isso possa gerar uma evasão fiscal em detrimento de erário nacional?

De outra forma não se explica a nefasta bitributação ativa dos rendimentos de filiais brasileiras no exterior por parte do Brasil, que ocorre na contramão de todas as políticas fiscais dos países da

OCDE. Será que o Brasil conseguirá entrar na OCDE andando na contramão? Quem não se lembra daquele sambinha gostoso cantado por Maria Bethânia: "Sonho meu..."

Do que adianta promover a internacionalização de empresas com verbas públicas e ao mesmo tempo "quebrar as pernas" de quem investe, através de uma política fiscal que penaliza o empreendedorismo brasileiro no exterior?

Isto não é meter a faca fiscal em quem empreende lá fora, achando que ele deve ter dinheiro escondido no bolso? A final de contas, quem tem dinheiro para investir lá fora, tem que ter dinheiro escondido no bolso! Isto não é fiscalmente esquizofrênico? Na sequência não veremos todos os startupeiros das assim chamadas *born-globals*, que recém começam a nascer no Brasil, pulando pela janela do décimo-terceiro andar...?

Como se isto tudo ainda não bastasse, ainda existe a questão da (des-)promoção da "marca Brasil" e a percepção do Brasil no exterior. Estas vão de mal a pior nas últimas décadas, especialmente, mas não exclusivamente, em decorrência do contexto ambiental. A imagem do Brasil nunca esteve tão danificada. Achar que isto não impacta nas questões comerciais e na aceitação dos produtos brasileiros é pura ignorância.

E por fim a esfera empresarial. Segundo o último estudo da Fundação Dom Cabral, apenas 0,01% das empresas brasileiras são empresas transnacionalmente internacionalizadas. As empresas brasileiras não tem capacidade internacional?

Cada um de nós poderá enumerar uma série de marcas internacionais presente em nosso dia a dia. E onde estão as marcas brasileiras presente pelo mundo afora?

Estamos condenados a ser um eterno fornecedor de *commodities*, iguais aos índios que abatiam o pau brasil e o traziam aos colonizadores portugueses? O que será de nós "brasileiros"? O nosso nome é ao mesmo tempo a nossa sina?

Podemos, ou até devemos, ousar em pensar em uma nação brasileira, comercialmente pujante e atuante nas cadeias globais de valor através de suas empresas e os seus empresários? Ou estamos condenados à aquela eterna "panela de siri", onde cada um que quer sair é puxado para dentro da panela pelos demais?

Para sermos uma nação comercialmente pujante precisaríamos fortalecer a presença empresarial brasileira no cenário internacional. Isto parte do ímpeto e interesse das empresas brasileiras em um engajamento internacional em parâmetros muito mais amplos que os atuais.

Mas será que a esfera empresarial brasileira se encontra disposta à tal engajamento? Estamos dispostos à investir em estruturas transnacionais ou vamos seguir o dito popular e "deixar do jeito que está para ver como é que fica?" Para que se esforçar?

A Sra. Prof Vera Thorstensen da FGV apontou recentemente que os acordos UE-Mercosul e Mercosul-EFTA não preveem um envolvimento do ambiente empresarial em matéria de regulamentações internacionais. Segundo a Sra. Prof. Thorstensen não havia o interesse de participação do setor empresarial brasileiro nas questões regulatórias internacionais. Isto demonstra claramente o grau de interesse do setor privado em uma atuação internacional.

O conjunto das percepções acima não configura um cenário animador. A nossa vaquinha que se encontra lá no brejo já afundou até as orelhas e ninguém ainda está fazendo muito esforço na corda, para que ela possa ser desatolada.

O atual cenário inclusive apresenta sinais de isolacionismo internacional e pode impactar seriamente no plano econômico.

Do que adianta se auto-denominar o "rei do agro" e os nossos produtos serem mal-vistos internacionalmente. Vamos vender tudo a "preço de banana"? Conseqüentemente não estaríamos nos auto-degradando economicamente à uma legítima "república de bananas"?

A solução não é óbvia e ao mesmo tempo urgentemente premente? O que é que os integrantes da TH estão esperando para desatolar esta vaca do brejo da globalização? Vamos esperar até que ela afunde definitivamente?

**Precisamos que os diversos atores acadêmicos** empenhem esforços conjuntos no sentido de gerar uma percepção maior.

Precisamos combater o simplismo e a banalidade com as quais a internacionalização de empresas brasileiras vem sendo tratada nos demais ambientes. Para tanto precisamos de uma academia mais presente no ambiente corporativo e na esfera governamental.

Ela precisa se impor no ambiente pouco civilizado do meio empresarial e ao mesmo tempo providenciar soluções práticas para a aplicação naquele ambiente. Para tanto a academia necessita dialogar com o meio empresarial (e vice-versa) a fim de entender as demandas específicas que possam existir.

O ambiente acadêmico também tem uma função essencial no contexto da transferência de conhecimentos e melhores práticas do ambiente internacional ao ambiente nacional.

**Precisamos de esforços governamentais** no sentido de promover efetivamente a inserção das empresas brasileiras nas cadeias globais de valor, através de uma internacionalização que consiste na constituição de empresas transnacionais brasileiras.

Estes esforços necessitam ser complementados por esforços políticos e fiscais, destinados a fomentar o clima do empreendedorismo das empresas brasileiras no plano internacional. Tais esforços necessitam ser esforços reais, principalmente no assunto fiscal, e não somente esforços "para Inglês ver".

As entidades brasileiras que atuam no ambiente internacional necessitam superar a sua passividade e inércia, a fim de se unir ao ambiente empresarial e promover esforços conjuntos. Precisamos nos conscientizar permanentemente que é a união que faz a força e que cada um de nós dispõe de habilidades que complementam um ao outro.

**Precisamos que a esfera empresarial** assuma a sua responsabilidade e ponha o pé para fora do Brasil através da constituição de estruturas transnacionais. Os esforços das outras esferas acabarão virando fumaça sem um empreendedorismo ativo do ambiente empresarial.

As empresas precisam parar de se esconder no ambiente nacional, achando que a concorrência internacional jamais chegará a elas.

O empresário brasileiro que, em um mundo cada vez mais globalizado, continua apostando no eterno protecionismo nacional pela esfera governamental, não aposta igualmente na tartaruga cruzando o rio com o escorpião em suas costas?

**Precisamos de uma atuação conjunta dos três ambientes da TH no sentido possibilitar a inserção efetiva das empresas brasileiras nas respectivas cadeias globais de valor através da constituição de**

**estruturas corporativas transnacionais: essa é a tarefa da tríplice hélice para a internacionalização de empresas brasileiras.**

**Paulo Henrique Boelter,**  
Diretor Executivo do CEBRAS